Revista Tecnologias na Educação-ISSN: 1984-4751 – Ano 12 -Vol.34- Dezembro/2020

Educação Antirracista: vivências e uso de tecnologias

Giovanni Codeça da Silva[1]

Antônia Trajano Nunes da Rocha[2]

Vitória da Silva Santiago Lima[3]

Gabriel da Silva Ferreira[4]

RESUMO

O presente texto que compõe o Simpósio Internacional das Licenciaturas é o resultado das atividades desenvolvidas pelos bolsistas CAPES, Vitoria da Silva Santiago e Gabriel da Silva Ferreira, na Escola Municipal Benedito Ottoni, sob orientação da preceptora professora Antônia Trajano e supervisão do professor Giovanni Codeça da Silva, onde são apresentadas propostas de atividades praticadas em sala de aula. O objetivo principal foi de iniciar uma proposta de educação antirracista, tornando prática as Leis 10.639/03 e 11.645/08, com uso de tecnologias informacionais. O projeto fez menção a inclusão e obrigatoriedade no currículo oficial das redes de ensino sobre as temáticas de "História e Cultura africana, afro-brasileira e indígena. Se utiliza neste trabalho o recorte histórico do fim da Guerra Fria, em 1989, até o fim do século XX, tendo como ponto de diálogo os movimentos negros nos Estados Unidos na década de 1960 e como eles influenciaram e se desdobraram no Brasil.

Palavras-chave: Educação antirracista. Lei 11.645/08. Lei 10.639/03. Tecnologias. Residência pedagógica.

---

[1] Professor da Rede Estadual do Rio de Janeiro (Seeduc-RJ). Professor de História na Universidade Veiga de Almeida. Coordenador do Programa Residência Pedagógica em História (Seeduc-UVA-CAPES). Doutor em Letras Neolatinas (UFRJ). Email: codecasilva@gmail.com

[2] Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ). Preceptora de História no Programa Residência Pedagógica em História (SME-UVA-CAPES). Licenciada em História (UFRJ). Email: residenciapedagogica.uva@gmail.com

[3] Bolsista do Programa Residência Pedagógica em História (Seeduc-UVA-CAPES). Licenciado em História (UVA). Email: vitoriasantiagolima@gmail.com

[4] Bolsista do Programa Residência Pedagógica em História (Seeduc-UVA-CAPES). Licenciado em História (UVA). Email: gsilva19952012@gmail.com

1. Introdução

A interação entre as atividades desenvolvidas pelos bolsistas, Vitória Santiago e Gabriel Silva, no Programa Residência Pedagógica da CAPES, com a orientação da preceptora professora Antônia Trajano na Escola Municipal Benedito Ottoni e sob coordenação do professor Giovanni Codeça da Universidade Veiga de Almeida, proporcionou a percepção do descompaço e, em algumas situações, a ausência de material didático em relação a questões que abordem as temáticas sobre a cultura e história das comunidades negras, afrodescendentes e indígenas.

Foi a partir desta percepão que passamos a direcionar nossa reflexão e atividades para construção de uma educação antirracista, que posteriormente, poderá ser transformada em material didático, como por exemplo, jogo/dinâmica, para que assim, haja a inclusão, não apenas pela obrigatoriedade da Lei no currículo oficial de ensino, mas conscientemente, pela compreensão da importância das temáticas ligadas a História e Cultura africana, afro-brasileira e indígenas.

Partindo desse pressuposto, procuramos fazer uma reconstrução tanto das origens da história das populações africanas, quanto das populações indígenas. Nos debruçamos sobre as Leis existentes no Brasil, que versam sobre a temática, e principalmente, a Lei 10.639/03 como a Lei 11.645/08, que legislam sobre a obrigatoriedade do ensino destas temáticas nos currículos e nas escolas.

Foi possível perceber uma modificação no campo educacional ao longo da década de 1990, diversas reformas que ocorreram no campo da educação no Brasil e em outros países em desenvolvimento, induzidas e/ou condicionados pelos empréstimos concedidos pelo Banco Mundial e demais organismos internacionais.

Estas políticas supranacionais tinham como objetivos claramente definidos: produzir um reordenamento das políticas sociais do Estado; implementar uma lógica padronizada de medição e rankeamento de índices, bem como, padronização de competências e habilidades associadas a nova lógica do capital internacional e da nova divisão do trabalho, adequando a noção de fim da centralidade do trabalho na formação humana.

Tomamos por base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), nº 9.394/1996 que regulamenta a educação desde a básica a superior na esfera pública e

privada. A educação é um dos pontos importantes para o país enquanto condição de competitividade, no sentido de permitir a entrada no novo paradigma produtivo, que é baseado, sobretudo, na dominação do conhecimento.

A LDB, como um todo, permitiu que fosse implementada uma educação comprometida tanto com o pressuposto de "educação para a cidadania", quanto com o pressuposto da "educação para a competitividade". Mas as demandas sociais também fizeram pressão sobre a sociedade e neste contexto, foram aprovadas Lei educacionais, que visavam não apenas incluir, mas também fomentar a produção políticas públicas, educação, materias didáticos e práticas educativas associadas às comunidades "excluídas" da academia, e assim, temáticas africanas, afrodescendentes e indígenas passaram a ser incorporadas. Porém, ainda existem limitações graves, principalmente ligadas a formação e prática para ações reais, e não apenas projetos isolados que reforçam a exclusão – como o Dia da Consciência Negra, dissociados de todo ano letivo.

Desta forma, pensamos em como trabalhar de maneira dinâmica com os alunos essas temáticas, optamos pelo recorte histórico do fim da Guerra Fria, em 1989, até o fim do século XX, tendo como ponto de diálogo os movimentos negros nos Estados Unidos na década de 1960 e como eles influenciaram e se desdobraram no Brasil.

Este recurso poderá ser aplicado em todos os níveis educacionais adequando necessariamente o grau de dificuldade e complexidade dos debates que surgirão. A proposta é que seja uma atividade interdisciplinar, que propicie ao aluno um maior conhecimento e, até mesmo, um primeiro contato com a temática. Ao final do desenvolvimento da atividade, o objetivo é que os alunos produzam um material que possa ficar disponível tanto para outros alunos como para escola.

2. Embasamento Teórico e Metodológico

O embasamento teórico e metodológico inicial deste trabalho esteve ancorado na ideia de Paulo Freire em "Círculos de Cultura", que nós procuramos desenvolver como "Círculos de Diálogos". Os "Círculos" de Paulo Freire, eram rodas de conversa onde o espaço de convívio tinha a palavra como elemento central, mas não a posse ou o direcionamento da palavra, a posição central era inversa, ou seja, a prioridade do fomentador dos círculos estava na escuta – uma escuta ativa.

Ao abrir espaço para a escuta ativa do outro, diversas possibilidades de interação eram colocadas em movimento. A escuta ativa parte sempre do reconhecimento do outro, e assim, consequentemente, de um processo de diálogo, de conhecimento, ou seja, uma via de mão dupla. O segundo ponto está relacionado a ideia da escuta ativa como elemento potencializador do outro na relação do saber, desta forma, o outro possui um saber e este saber é reconhecido e valorizado.

Terceiro ponto é que a escuta ativa nos permite nos colocarmos no lugar do outro, num movimento de empatia e consequentemente, de simpatia, essencial nas relações comunicacionais e de ensino-aprendizagem, pois não há nenhuma forma de educação, que não passe pela afetividade.

> Não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não organizar. Ser dialógico é empenharse na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de t0da relação na qual alguns homens sejam transformados em "seres para outro" por homens que são falsos "seres para si. (FREIRE, 1983, p. 43)

Com base em correntes de cunho liberal, que tem como centro o aluno e não o professor, que procura despertar o lado investigador do aluno e, principalmente, reconhece a autonomia e liberdade do indivíduo em sua produção de conhecimento, na qual, irá "aprender fazendo". A metodologia foi escolhida por possuir uma melhor forma de aplicabilidade desta proposta, sendo então, a de Ensino Construtivista, baseada na obra de Jean Piaget, que se basea no conhecimento adquirido através da interação da criança com o ambiente em que ela vive.

Essa corrente do construtivismo compreende o aluno como peça chave, sendo o professor, um auxiliar-mediador no desenvolvimento desse novo conhecimento. Assim. colocamos em prática os ensinamentos de Antônio Carlos G da Costa.

> Iniciativa (definir o que deve ser feito); b) Planejamento (definir quem vai fazer o que, como, quando, onde e com quais recursos); c) Execução (colocar em prática o que foi planejado); d) Avaliação (verificar se os objetivos foram alcançados, analisar o que deu certo, o que precisa ser evitado e o que precisa ser melhorado no desempenho do grupo); e e) Resultados (decidir coletivamente o que fazer com os resultados, a quem atribuí-los e, no caso de resultados financeiros e/ou materiais, como utilizá- -los). (COSTA, 2006, p. 178-179).

A metodologia em questão traz a oportunidade de desenvolver o "aluno detetive", o qual poderá pesquisar, e com uma liberdade, poder construir seu próprio conhecimento com o professor somente auxiliando nessa construção e mediando esse saber, instruindo a melhor forma de usar essa ferramenta que é a pesquisa, para se ter uma produção consistente e confiável.

Deixamos claro que ao escolher formas de metodologias ativas, não procuramos avaliar, quantificar ou qualificar o produto final desenvolvido pelo aluno, e sim, analisar todo o processo de ensino-aprendizagem que percorrerá.

Outro aspecto importante para o desenvolvimento desta pesquisa, esteve relacionado ao uso das Novas Tecnologias da Informação e do Conhecimento (NTIC), associados à educação. Neste ponto, corroboramos o pensamento de Cláudia Ribas e Paula Ziviani que:

> A tecnologia tem transformado os processos e as práticas tradicionais da educação e da socialização do conhecimento mediante inovações que têm modificado as formas de produção, distribuição, apropriação, representação, significação e interpretação da informação e do conhecimento. (RIBAS, 2007: 50)

Assim, introduzir o uso das NTIC tem como objetivo principal, não apenas potencializar o processo de ensino e aprendizagem, mas principalemnte, permitir aos alunos que já utilizam essas tecnologias perceberem que seus usos vão além do entretetenimento simples, modificando o paradigma educacional deslocando-o do: ensino para a aprendizagem, do aprender para o fazer.

3. Análise e Discussão dos Dados

Tendo em vista o objetivo do trabalho de desenvolver temáticas ligadas à educação antirracial e as diversidades culturais em sala de aula, adotou-se como recorte histórico e como forma de estabelecimento de diálogo, a questão afrodescendente e do indígena, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos da América (EUA).

A proposta foi desenvolvida em vários tempos de aula, pois o processo de aprendizagem, por parte do aluno, procurou ser respeitado, sendo assim, recomendamos que seja algo desenvolvido por toda escola, como um processo de aprendizagem intracurricular, dando mais liberdade para que os alunos desenvolvam suas próprias ideias.

Como um dos objetivos foi a interatividade entrelaçada às disciplinas, principalmente de História, Geografia, Ciências/Biologia, Artes, Literatura, Linguagem, todos os professores contribuíram para essa produção de conhecimento.

A primeira etapa foi a realização de uma conversa introdutória com os alunos explicando o objetivo e a importância do desenvolvimento das atividades - primeiro "Círuclo de Diálogos". Iniciamos um debate sobre as questões relacionadas ao preconceito em relação aos africanos, afrodescendentes e indígenas. Desta forma foi possível, através de uma escuta ativa, perceber as vivências de cada um em relação a temática.

Logo foi possível perceber que havia uma demanda relacionada as questões afrodescendentes sob a ótica comparativa entre Brasil e Estados Unidos. Assim aproveitamos essa vivência para introduzir a quesão a partir da relação Brasil e Estados Unidos em meados do século XX, pois muitos possuíam uma vaga lembrança vinculada a alguns personagens relacionadas a luta por direitos civis: Rosa Parks, Martin Luther King e Malcon X, outros possuíam uma lembrança vinda da relação Copa do Mundo e Nelson Mandela.

A segunda etapa foi a realização de uma atividade dirigida. Foi enviado para casa uma atividade na qual os alunos deveriam consultar apenas um de seus responsáveis sobre seus conhecimentos relacionados a figuras históricas africanas, negras, afrodescendentes e indígenas ligadas a lutas por direitos. Nossa proposta era fomentar a formação de um "segundo Círculo de Diálogos", porém na residência dos alunos, com seus responsáveis.

Deveriam anotar o primeiro nome que seus responsáveis viessem a relacionar com a temática. Assim, obtivemos a seguinte resposta numa coleta em trinta e dois lares: dezesseis responsáveis fizeram referência a figura de Martin Luther King; seis fizeram referência a Michael Jordan; cinco a figura de Rosa Parkens; três fizeram referência a Nelson Mandela; e um fez referência a Zumbi dos Palmares. O experiemnto revelou que a vivência familiar destes alunos evidenciava uma imagem forte que ligava a luta por direitos das comunidades africanas, afrodescendentes e indígenas a história estadusinense, com quase inexistente referência ao Brasil.

Nossa terceira etapa foi compreender e nos apropriar dos resultados das duas primeiras etapas (escuta ativa e atividade familiar) e extrair desta coleta de informações, um percurso para dar sequências as nossas atividades. Nos pareceu claro que o caminho seria percorrer o conhecimento prévio existente relacionado a história de luta por direitos civis das comunidades afrodescendentes estadusinense, e posteriormente, estabelecer uma

conexão com a realidade brasileira.

Assim, iniciamos a quarta etapa, levamos os alunos ao Laboratório de informática da escola e de forma livre, pedimos que pesquisassem os nomes que trouxeram em seu levantamento da atividade de casa. Os resultados foram muitos textos do *wikipedia* e algumas fotos, tendo na figura de Zumbi dos Palmares a excessão que nos serviu de ponto para propormos uma reflexão – quinta etapa: não teriam existido lutas antirraciais na história do Brasil?

A partir desta problematização pedimos que os alunos se apropriassem – quinta etapa – de dois grupos de materiais selecionados por eles: o primeiro o texto do *wikipedia* sobre Martín Luther King, fotos e um vídeo no *yotube* (5 MINUTOS DE HISTÓRIA - Segregação Racial e Luta pelos direitos civis nos Estados Unidos https://www.youtube.com/watch?v=e3gFxJ4vgNE); o segundo o texto do do *wikipedia* sobre Zumbi dos Palmares, fotos e um vídeo no *youtube* (ZUMBI DOS PALMARES - A LUTA PELA LIBERDADE | EDUARDO BUENO https://www.youtube.com/watch?v=eQd1J1uG9tc).

Após a apropriação dos alunos deste material solicitamos que fizessem um registro do que haviam compreendido, materializando assim a sexta etapa. Este registro poderia ser feito através de um texto ou imagem a ser colocado no site da residência pedagógica (https://residenciapedagogi19.wixsite.com/meusite).

Propusemos uma sétima etapa, composta de uma dinâmica chamada amigo oculto/secreto, no qual auxiliamos os alunos na divisão de movimentos históricos e personagens importantes para a caminhada das questões raciais no Brasil e nos EUA. Como todo amigo oculto, ocorreu um sorteio para que os alunos tivessem ciência de sua temática principal, a partir do sorteio do tema foi passada a atividade que deveriam desenvolver.

A oitava etapa consistiu na gravação de um vídeo curto de no máximo três minutos, por cada aluno, com a orientação do supervisor, preceptor e dos bolsistas, utilizando como recurso os celulares de cada um dos mediadores. Os alunos tiveram duas semanas para se apropriarem de seus temas, realizarem a pesquisa e se prepararem para gravação do vídeo que ocorreu na escola.

Com autorização dos responsáveis, os vídeos foram gravados e disponibilizados no site da residência pedagógica para que cada aluno pudesse em casa, junto aos seus responsáveis, ver os vídeos e realizar a nona etapa da atividade. Registar de forma escrita a compreensão dos responsáveis do conteúdo dos vídeos.

A décima e última etapa, consistiu numa ação coletiva realizada na reunião bimestral de responsáveis e professores na escola, onde os responsáveis ao chegarem à escola eram convidados a registrarem num pequeno formulário com algumas informações próprias e da criança pela qual eram responsáveis, bem como, registrar qual personalidade negra ligada a luta por direitos vinha a memória deles de imediato.

O resultado foi entre os vinte oito responsáveis que compareceram a reunião: doze registaram Luís Gama; seis anotaram Martín Luther King; cinco registraram Zumbi dos Palmares; quatro anotaram Lélia Gonzales; e um registrou Aqualtune.

4. Conclusões

Nossa proposta inicial foi sondar como a temática africana, afrodescendente e indígena era percebida na comunidade escolar. Quais os caminhos para a partir do conhecimento e da cultura existente poderíamos propor uma educação antirracista com a construção de materiais e práticas que pudessem subsidiar futuras propostas.

Foi a partir do Programa do Governo Federal Residência Pedagógica (CAPES) que se tornou possível realizar esta pesquisa, numa parceria da Universidade Veiga de Almeida e a Secretaria de Educação do Município, através da Escola Municial Benedito Ottoni.

Com a supervisão e preceptoria dos professores Giovanni Codeça da Silva e Antônia Trajano, bem como, as ações e práticas dos bolsistas Vitória Lima e Gabriel da Silva foi possível materializar a proposta.

A percepção inicial demonstrou que o conhecimento existente sobre a cultura e história das populações africanas, afrodescendentes e indígenas estava mais evidente nos alunos e no grupo de responsáveis a partir da experiência afrodescendente estadusinense da luta pelos direitos civis na figura de Martín Luther King. Assim este foi o caminho escolhido para adentrarmos na temática.

Como a proposta envolvia outros bolsistas, optamos por dividir os temas, e coube a este trabalho, abordar a luta por reconhecimento de direitos dos afrodescendentes. Assim, as temáticas africanas e indígenas fazem parte do escopo maior das atividades, porém não possuem seu registro nessa apresentação, aguardam publicação em compêndio futuro.

Neste trabalho pudemos estabelecer uma metodologia de escuta ativa com base em Paulo Freire. A partir dos conhecimentos prévios dos alunos e responsáveis, pudemos criar a forma mais adequada de abordar a temática da cultura e história afrodescendente.

Através da incorporação das novas tecnologias digitais (*internet, site, youtube,*

celulares e gravação de vídeos), além do estímulo a pesquisa e a investigação como processo de construção do conhecimento. Essas diversas habilidades e competências foram colocadas em desenvolvimento para trabalhar temáticas às Lei 10.639/03 e 11.645/08.

5. Referências Bibliográficas

ANDREWS, George Reid. **O negro no Brasil e nos Estados Unidos.** Lua Nova: Revista de Cultura e Política, vol.2, n.1. São Paulo, junho de 1985.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

_____. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CASTRO, Amélia Domingues de. **A Trajetória Histórica da Didática.** São Paulo, Série Idéias n.11, FDE, 1991.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da.; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, educação e participação democrática**. 2ª Ed. FTD: São Paulo, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOULARTE, Raquel da Silva; MELO, Karoline Rodrigues de. **A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental.** Revista Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, 2013.

KING, Joyce E. **Educação, Comunidade e Relações étnico-raciais: experiências nos Estados Unidos e no Mali.** Revista Eletrônica de Educação, vol,6, n.2. Universidade Federal de São Carlos. Novembro, 2012.

MONTEIRO, R.B., PINHEIRO, R.A. **Políticas, educação e relações étnico-raciais.** Laplage em Revista, vol.2, n.2. Sorocaba, mai-ago.2016. (p.3-6).

RIBAS, C. O profissional da informação: rumos e desafios para uma sociedade inclusiva. Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 17, n. 3, set./dez. 2007, p47-57.

Recebido em DEZEMBRO 2020

Aprovado em DEZEMBRO 2020